

*V I N T A G E*



*W. SOMERSET MAUGHAM*

*O VÉU PINTADO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA MARIA CHAVES*

ASA



«...esse véu pintado a que os que vivem chamam Vida.»



## PREFÁCIO

**E** sta história foi inspirada pelos versos de Dante que discorrem assim:

*Deb, quando tu sarai tornato al mondo,  
E riposato della lunga via,  
Seguito il terzo spirito al secondo,  
Ricorditi di me, che son la Pia:  
Siena mi fe; disfecemi Maremma:  
Salsi colui, che, innanellata pria  
Disponando m'avea con la sua gemma.*

«Peço-te que, quando ao mundo tornares, e da longa jornada repousares, seguido que for o terceiro espírito ao segundo, te recordes de mim, que sou a Pia. Siena me fez, Maremma me desfez: sabe-o aquele que após noivar me desposou com o seu anel.»

Era eu à data aluno de Medicina no Hospital de St. Thomas e as férias da Páscoa concederam-me seis semanas só para mim. Parti, de saco na mão e vinte libras no bolso. Tinha vinte anos. Fui a Génova e a Pisa, depois a Florença. Aí, na via Laura, aluguei um

quarto – de cuja janela podia avistar a admirável cúpula da catedral – a uma senhora viúva com uma filha que, depois de muito regatear, me cedeu o quarto e as refeições por quatro liras por dia. Receio não ter sido para ela grande negócio, pois o meu apetite era voraz e eu era capaz de devorar uma montanha de macarrão sem problemas. Ela tinha uns vinhedos nas colinas da Toscana e lembro-me de que o Chianti que vinha de lá era o melhor que alguma vez bebi em toda a Itália. A filha dava-me lições de Italiano todos os dias. Parecia-me na altura ser já uma mulher madura, mas suponho que não teria mais de vinte e seis anos. Tinha tido pouca sorte. O noivo, oficial do exército, tinha morrido na guerra, na Abissínia, e ela estava consagrada à virgindade. Era ponto assente que, após a morte da mãe (senhora jovialmente roliça e de cabelo grisalho que não fazia tenção de morrer um dia antes do que Nosso Senhor achasse por bem decretar), Ersilia entraria para um convento. Ela, porém, aguardava esse momento com alegria. Apreciava uma boa risada. Os almoços e jantares decorriam sempre em ambiente muito alegre, mas levava as lições demasiado a sério e, quando eu dava sinais de estupidez ou desatenção, batia-me nos dedos com uma régua preta. Eu deveria ter-me indignado por ser tratado como uma criança se isso não me trouxesse à memória os pedagogos de outros tempos de que falavam os livros, o que me dava imensa vontade de rir.

Os meus dias eram laboriosos. Começava cada um traduzindo algumas páginas das peças de Ibsen, para adquirir domínio e à-vontade na escrita dos diálogos; depois, de Ruskin em punho, esquadriava os cenários de Florença. Maravilhei-me, seguindo à risca as instruções, com a torre de Giotto e as portas de bronze de Ghiberti. Mostrei a apropriada dose de entusiasmo ante os Boticellis dos Uffizi e virei a espalda do desdém dos meus verdes anos àquilo que o mestre não aprovava. Depois do almoço tinha a lição de Italiano e a seguir saía de novo para ir visitar igrejas e passear nas margens do Arno, perdido em pensamentos. No fim do jantar saía em busca de aventuras, mas era tanta a minha inocência, ou pelo menos a minha timidez, que voltava sempre para casa tão virtuoso como

tinha saído. Embora me tivesse dado uma chave, a Signora suspirava de alívio quando me ouvia entrar e trancar a porta, pois receava sempre que me esquecesse de o fazer; e depois lá voltava à minha leitura atenta da história dos Guelfos e dos Gibelinos. Tinha a amargurada consciência de que não era de todo assim que se comportavam os escritores da época romântica, embora duvidasse que algum deles tivesse conseguido passar seis semanas em Itália com vinte libras no bolso e apreciasse muitíssimo a minha vida sóbria e industriosa.

Como já tinha lido o *Inferno* (com a ajuda de uma tradução, mas procurando conscienciosamente no dicionário as palavras que não sabia), comecei o *Purgatório* com a Ersília. Quando chegámos à passagem que atrás transcrevi, ela disse-me que Pia era uma fidalga de Siena cujo marido, suspeitando que ela cometia adultério, mas receando mandá-la matar por causa da família dela, a levou para o seu castelo de Maremma onde acreditava que os vapores venenosos fariam o trabalho; ela, porém, demorava tanto a morrer que ele, impaciente, ordenou que a atirassem da janela. Não sei onde Ersília foi buscar tudo isto – a nota explicativa do meu Dante era menos detalhada –, mas por algum motivo a história prendeu-me a imaginação. Passava-a e repassava-a mentalmente e, durante muitos anos, passava de vez em quando dois ou três dias a pensar nela. Costumava repetir o verso: *Siena mi fè; disfecemi Maremma*. Mas este era apenas um entre os inúmeros temas que me alimentavam a fantasia e esqueci-o durante longos períodos. Claro que não a via como uma história moderna nem me ocorria nenhum cenário no mundo de hoje onde tais acontecimentos pudessem, plausivelmente, ter lugar. Foi só quando fiz uma longa viagem pela China que o encontrei.

Penso que é o único romance que escrevi em que parti de uma história e não de uma personagem. É difícil explicar a relação entre personagem e enredo. É difícil pensar numa personagem em abstracto; no momento em que se pensa nela, pensa-se nela em determinada situação, a fazer determinada coisa, pelo que a personagem

e, pelo menos, a sua acção principal parecem resultar de um acto simultâneo da imaginação. Neste caso, porém, as personagens foram escolhidas à medida da história que eu ia gradualmente desenvolvendo e construídas a partir de pessoas que eu tinha conhecido em circunstâncias diversas.

Deparei-me, no caso particular deste livro, com algumas das dificuldades com que um autor pode ser confrontado. Inicialmente tinha chamado Lane ao herói e à heroína, um nome bastante inócuo, mas parecia haver em Hong-Kong pessoas com esse apelido, pelo que foi movida uma acção que os proprietários da revista onde o meu romance era publicado em episódios resolveram com duzentas e cinquenta libras, sendo eu obrigado a mudar-lhes o nome para Fane. Nessa altura, porém, o Secretário Colonial Adjunto, sentindo-se ele próprio injuriado, ameaçou levar também o caso a tribunal. Fiquei surpreendido, pois em Inglaterra um primeiro-ministro, um arcebispo de Cantuária ou um chanceler podem ser usados como personagens de uma peça de teatro ou de um romance sem que os detentores de tão altos cargos se dignem sequer pestanejar. Causava-me, por isso, estranheza que o ocupante temporário de tão insignificante cargo se considerasse visado; mas, para evitar problemas, substituí Hong-Kong pela colónia imaginária de Tching-Yen<sup>1</sup>. No entanto, quando a questão foi levantada já o livro tinha sido publicado, pelo que teve de ser retirado das bancas; mas, como é natural em casos como este, um determinado número de críticos astutos que o tinham recebido antecipadamente evocaram este ou aquele pretexto para não o devolverem e esses exemplares têm hoje valor bibliográfico – penso que serão cerca de sessenta e os colecionadores pagam somas elevadas por eles.

<sup>1</sup> Tching-Yen foi substituído por Hong-Kong na presente edição.

Ela soltou um grito assustado.

– O que foi? – perguntou ele.

Apesar da penumbra em que as persianas corridas mergulhavam o quarto, ele viu o rosto dela subitamente desfigurado pelo terror.

– Alguém tentou abrir a porta.

– Bem, talvez fosse a *amah*<sup>1</sup>, ou algum dos criados.

– Nunca aparecem aqui a esta hora. Sabem que faço sempre a sesta depois do almoço.

– Quem mais poderia ser?

– O Walter – sussurrou ela com lábios trémulos.

Apontou para os sapatos dele. Ele tentou calçá-los, mas o nervosismo dela roubava-lhe a destreza, pois tanta ansiedade estava a afectá-lo e, além disso, os sapatos estavam do lado mais apertado da cama. Com um breve suspiro de impaciência ela deu-lhe a calçadeira. Em seguida ela própria vestiu um quimono e dirigiu-se descalça para o toucador. Usava o cabelo muito curto e, com um pente, tinha conseguido retocar-lhe a desordem antes de ele acabar de apertar o segundo sapato. Estendeu-lhe o casaco.

<sup>1</sup> Criada chinesa. (*N. da T.*)

– Como é que eu saio?  
– É melhor esperar um bocadinho. Vou espreitar para ver se está tudo bem.

– Não pode ser o Walter. Ele só sai do laboratório às cinco.

– Então quem será?

Falavam agora em surdina. Ela tremia. Ele percebeu que ela perderia a cabeça numa emergência e, de repente, isso irritou-o. Se não era seguro, por que diabo lhe tinha dito que era? Ela controlou a respiração e tocou-lhe no braço. Ele seguiu-lhe o olhar. Estavam virados para as janelas que abriam para a varanda. As persianas estavam fechadas e travadas. Viram a maçaneta branca de porcelana rodar lentamente. Não tinham ouvido passos na varanda. Era aterrador seguir a lentidão do movimento. Passou-se um minuto e nem o mais pequeno ruído. Nisto, com a irrealidade do sobrenatural, e do mesmo modo furtivo, silente e petrificante, viram a maçaneta branca de porcelana da outra janela rodar também. Era tão assustador que Kitty, descontrolada, abriu a boca para gritar; ele, porém, apercebendo-se do que ela ia fazer, tapou-lha rapidamente com a mão e o grito foi abafado pelos seus dedos.

Silêncio. Ela encostou-se a ele com os joelhos a tremer e ele receou que fosse desmaiar. De semblante carregado e queixo crispado, ele levou-a até à cama, onde a sentou. Ela estava tão branca como o lençol e o rosto dele, apesar de bronzeado, também estava pálido. Ficou parado ao lado dela, de pé, a olhar com assombrado fascínio para a maçaneta de porcelana. Nenhum deles abriu a boca e ele reparou então que ela estava a chorar.

– Por amor de Deus, não faça isso – sussurrou, irritado. – Se fomos apanhados, fomos apanhados. Temos de enfrentar a situação de cabeça erguida.

Ela procurou o lençol e ele, percebendo o que ela queria, estendeu-lhe a bolsa.

– Onde está o seu chapéu?

– Deixei-o lá em baixo.

– Meu Deus!

– Francamente, veja se se controla. Há noventa e nove por cento de probabilidades de não ser o Walter. Por que diabo iria ele voltar para casa a esta hora? Nunca vem a casa a meio da tarde, ou vem?

– Nunca.

– Aposto consigo o que quiser que era a *amah*.

Ela ofereceu-lhe a sombra de um sorriso. A voz dele, cheia e acariciante, tranquilizava-a. Ela pegou-lhe então na mão e apertou-a afectuosamente, o que lhe deu um instante para se recompor.

– Oiça, não podemos ficar aqui para sempre – disse ele, por fim. – Sente-se capaz de ir dar uma espreitadela à varanda?

– Creio que nem consigo pôr-me de pé.

– Tem *brandy* por aqui?

Ela abanou a cabeça. Ele, cada vez mais impaciente, não sabia muito bem o que fazer. Uma ruga ensombrou-lhe a fronte por momentos. De repente ela apertou-lhe a mão com mais força.

– E se ele está lá fora à espera?

Ele forçou um sorriso e a sua voz manteve o tom gentil e persuasivo de que tinha absoluta consciência.

– Não é muito provável. Pense bem, Kitty. Como é que pode ser o seu marido? Se ele tivesse entrado e visto um chapéu estranho na entrada, subido as escadas e encontrado o quarto fechado à chave, teria certamente reagido de uma maneira ou de outra. Deve ter sido um dos criados. Só um chinês seria capaz de rodar a maçaneta daquela forma.

Ela sentia-se agora mais segura de si.

– Não é nada agradável, mesmo que tenha sido só a *amah*.

– A essa podemos dar-lhe a volta e, se necessário, calo-a pelo medo. Ser funcionário do governo não tem muitas vantagens, mas pelo menos sempre dá para tirar algum partido.

Ele devia ter razão. Ela levantou-se e, virando-se para ele, estendeu-lhe os braços: ele enlaçou-a e beijou-a nos lábios. O arbatamento era tanto que doía. Ela adorava-o. Ele soltou-a e ela aproximou-se da janela. Puxou o fecho para trás, entreabriu a

persiana e espreitou. Não havia viva alma. Saiu para a varanda, espreitou para o quarto de vestir do marido e, depois, para a sua própria salinha de leitura, ambos vazios. Voltou para o quarto e disse, abandonando a cabeça:

– Ninguém.

– Estou convencido de que tudo não passou de uma ilusão de óptica.

– Não se ria. Eu fiquei aterrorizada. Vá sentar-se na minha salinha enquanto calço as meias e os sapatos.

Ele fez o que ela ordenou e, passados cinco minutos, ela apareceu. Ele estava a fumar um cigarro.

– Pode arranjar-me um *brandy* com soda?

– Claro, é só tocar a campainha.

– Da maneira como as coisas estão, não creio que isso a prejudique.

Esperaram em silêncio que o criado chegasse e ela lhe desse as suas ordens.

– Telefone para o laboratório e pergunte se o Walter está – disse ela. – Lá não conhecem a sua voz.

Ele levantou o auscultador e pediu a ligação. Perguntou se o Dr. Fane estava e pousou o auscultador.

– Ainda não voltou depois do almoço – informou. – Pergunte ao criado se ele esteve aqui.

– Não me atrevo. Vai parecer tão estranho... se ele esteve e não o vi.

O criado trouxe as bebidas e Townsend serviu-se. Quando lhe ofereceu uma, ela recusou.

– O que é que vamos fazer se era o Walter? – perguntou ela.

– Talvez ele não se importe.

– O Walter?

O tom de voz era incrédulo.

– Sempre o achei muito tímido. Há homens que não suportam cenas, sabe. E ele tem bom senso suficiente para saber que não tem nada a ganhar com um escândalo. Não acredito nem por um minuto que fosse o Walter, mas, mesmo que fosse, a impressão que tenho é que não vai fazer nada. Penso que vai ignorar o facto.

Ela reflectiu um instante.

– Ele está terrivelmente apaixonado por mim.

– Bem, melhor ainda. Você consegue dar-lhe a volta – disse ele, oferecendo-lhe aquele sorriso encantador que ela sempre achara tão irresistível. Era um sorriso lento que começava a desenhar-se nos seus olhos azuis-claros e ia descendo em graus perceptíveis até à boca bem delineada. Os dentes eram pequenos, brancos e perfeitos. Era um sorriso tão sensual que lhe derretia o coração dentro do peito.

– Não estou muito preocupada – disse ela, num lampejo de irreverência. – Valeu a pena.

– A culpa foi minha.

– Porque veio? Fiquei admirada quando o vi.

– Não pude resistir.

– Você é um querido.

Ela encostou-se mais a ele, com os olhos pretos muito brilhantes fixos nos dele e a boca entreaberta de desejo, e ele envolveu-a nos seus braços.

– Sabe que pode sempre contar comigo – disse ele.

– Sou tão feliz ao seu lado. Só desejava poder fazê-lo tão feliz como você me faz.

– Já não está assustada?

– Odeio o Walter – respondeu ela.

Sem saber o que dizer, ele beijou-a e sentiu a suavidade do rosto dela contra o seu.

Pegou-lhe então no pulso, cingido por um pequeno relógio de ouro, e viu as horas.

– Sabe o que é que eu devo fazer agora?

– Desaparecer? – disse ela a sorrir.

Ele concordou. Por momentos ela agarrou-se a ele com mais força, mas sentiu nele a vontade de partir e soltou-o.

– É uma vergonha a maneira como negligencia o seu trabalho. Ponha-se a andar.

Ele nunca conseguia resistir à tentação de namorar.

– Parece estar com uma pressa danada de se ver livre de mim – disse ele pouco convicto.

– Sabe que detesto deixá-lo ir embora.

A resposta dela foi dada em voz baixa, grave e séria. Lisonjeado, ele deu uma risada.

– Não preocupe a sua linda cabecinha com o nosso visitante misterioso. Tenho a certeza de que foi a *amah*. E depois, se houver algum problema, garanto-lhe que a livro dele.

– Fala a voz da experiência?

O sorriso dele foi divertido e complacente.

– Não, mas gabo-me de ter a cabeça bem assente nos ombros.

Ela foi à varanda para o ver sair. Ele disse-lhe adeus. Ao olhar para ele, sentiu uma certa excitação: ele tinha quarenta e um anos, mas um corpo flexível e o passo saltitante de um rapaz.

A varanda estava na sombra e ela deixou-se aí ficar, languidamente, com o coração apaziguado por este amor feliz. A casa erguia-se em Happy Valley, na encosta, pois não tinham posses para morar lá em cima, no Pico, a zona nobre, mas também a mais cara. Porém, o seu olhar absorto mal captou o azul do mar e a azáfama do porto. Os seus pensamentos iam todos para o seu amor.

Claro que era uma estupidez comportarem-se como tinham feito nessa tarde, mas, se ele a desejava, como podia ela ser prudente? Ele tinha vindo duas ou três vezes depois do almoço, quando ninguém se atrevia a enfrentar o calor tórrido da tarde, e nem os criados o tinham visto entrar ou sair. Ela não conseguia adaptar-se a Hong-Kong. Odiava a cidade chinesa e ficava nervosíssima de cada vez que ia àquela casa duvidosa perto de Victoria Road onde costumavam encontrar-se. Era uma espécie de bazar e os chineses que por lá estavam sentados olhavam-na com antipatia; odiava o sorriso melífluo do velho que a acompanhava às traseiras da loja e daí ao primeiro andar por uma escada esconsa. O quarto aonde ele a

conduzia era sujo e desmazelado, e ela estremecia só de olhar a enorme cama de madeira encostada à parede.

– Tudo isto é terrivelmente sórdido, não é? – disse ela a Charlie a primeira vez que lá se encontraram.

– Era, até você entrar – foi a resposta dele.

Claro que ela esqueceu tudo no momento em que ele a tomou nos braços.

Ah, como detestava não ser livre, não serem livres os dois! Não gostava da mulher dele. Os pensamentos itinerantes de Kitty detiveram-se por um momento em Dorothy Townsend. Que infelicidade alguém chamar-se Dorothy! Ficava-se logo datada. Ela tinha pelo menos trinta e oito anos. Mas Charlie nunca falava da mulher. Era evidente que não gostava dela, que ela o matava de tédio. Mas ele era um cavalheiro. Kitty sorriu com afectuosa ironia: bem típico daquele bonzão; podia ser-lhe infiel, mas jamais permitiria que uma palavra de menosprezo em relação a ela lhe afflorasse aos lábios. Ela era uma mulher sobre o alto, mais alta do que Kitty, nem gorda nem magra, com uma farta cabeleira castanha clara, e nunca poderia ter sido dona de outra beleza que a própria da juventude. As feições eram correctas, sem serem marcantes, e frios os olhos azuis. Tinha uma pele para a qual ninguém olharia duas vezes e as faces primavam pela ausência de cor. E vestia-se como – bem, como aquilo que era, a esposa do secretário colonial adjunto de Hong-Kong. Kitty sorriu e encolheu levemente os ombros.

Claro que ninguém podia negar que Dorothy Townsend tinha uma voz agradável. Era uma mãe extremosa, como Charlie sempre dizia, e aquilo a que a mãe de Kitty chamava uma grande senhora. Mas Kitty não simpatizava com ela. Não gostava dos seus modos despretensiosos, e a delicadeza com que tratava as pessoas quando as recebia para o chá ou para um jantar era verdadeiramente exasperante, pois sentia-se inevitavelmente o pouco interesse que por elas nutria. O que se passava, supunha Kitty, era ela não querer saber de mais nada a não ser dos filhos: tinha dois rapazes num colégio em Inglaterra e um outro, de seis anos, que ela própria iria acompanhar

a Inglaterra no ano seguinte. O seu rosto era uma máscara. Sorria e, no seu estilo agradável e cortês, dizia o que se esperava que dissesse; no entanto, e apesar de toda a sua cordialidade, mantinha o interlocutor à distância. Tinha alguns amigos íntimos na colónia que a admiravam muito. Kitty perguntou-se se Mrs. Townsend não a acharia demasiado vulgar, e corou de repente. Afinal ela não tinha motivos para se dar ares. Era verdade que o pai tinha sido governador colonial, o que foi uma honra enquanto durou – todos se levantavam quando ela entrava e os homens cumprimentavam-na quando passava de carro –, mas o que poderia haver de mais insignificante do que um governador colonial aposentado? O pai de Dorothy Townsend vivia com uma pensão numa casa modesta em Earl's Court. Para a mãe de Kitty seria uma tremenda maçada se ela lhe pedisse que fosse visitá-lo. Bernard Garstin, o pai de Kitty, era conselheiro do rei e, de um momento para o outro, poderia até ser nomeado juiz. Além disso, viviam em South Kensington.

Kitty, a viver em Hong-Kong desde o casamento, tinha tido dificuldade em aceitar que a sua posição social fosse ditada pela profissão do marido. Sem dúvida que todos se tinham mostrado muito simpáticos e que durante dois ou três meses eles tinham sido convidados para festas quase todas as noites; quando foram jantar ao Palácio do Governo, o governador recebeu-a como uma noiva; mas Kitty depressa se apercebeu de que, como esposa do bacteriologista oficial, a sua importância era muito reduzida, o que a enfurecia.

– É absurdo de mais – disse um dia ao marido. – Sim, aqui não há quase ninguém com quem nos déssemos ao trabalho de perder cinco minutos em Inglaterra. A minha mãe nem em sonhos convidaria algumas destas pessoas para jantar.

– Não deve deixar que isso a preocupe – disse ele. – Sabe, isso não tem importância nenhuma.

– Claro que tem. Só mostra como são estúpidos, mas tem a sua graça, quando penso em todas as pessoas que costumavam frequentar a nossa casa em Inglaterra, que aqui sejamos tratados como lixo.

– Do ponto de vista social, o homem de ciência não existe – disse ele com um sorriso.

Agora ela sabia-o, mas não o sabia quando se casara com ele.

– Não creio que me divirta muito ser convidada para jantar pelo director da companhia de navegação – disse ela, a rir, para que o que acabara de dizer não parecesse demasiado petulante.

Talvez ele tenha vislumbrado a censura por detrás da leveza do tom, pois pegou-lhe na mão e apertou-a timidamente.

– Lamento muito, minha querida Kitty, mas não deixe que isso a afecte.

– Ah, não, não vou deixar que isso aconteça.

Não podia ter sido o Walter naquela tarde. Devia ter sido um dos criados e esses não interessavam. Os criados chineses estavam sempre a par de tudo, mas ficavam de boca fechada.

O coração bateu mais depressa quando recordou o modo como a maçaneta branca de porcelana rodara lentamente. Não podiam voltar a arriscar-se daquela maneira. Mais valia voltarem à loja chinesa. Ninguém que a visse entrar iria desconfiar e estariam completamente em segurança. O dono da loja sabia bem quem Charlie era e não era louco para descobrir a careca ao secretário colonial adjunto. Aliás, que importava o resto, se Charlie a amava?

Saiu da varanda, entrou na saleta, deixou-se cair no sofá e estendeu a mão para os cigarros. Foi então que os seus olhos repararam num bilhete deixado em cima de um livro. Abriu-o. Estava escrito a lápis.

*Querida Kitty,*

*Aqui está o livro que queria. Ia precisamente enviar-lho quando encontrei o Dr. Fane que se ofereceu para o levar uma vez que ia passar por casa.*

*V. H.*

Tocou a campainha e, quando o criado entrou, perguntou-lhe quem tinha trazido o livro e quando.

– Patrão trazer, senhora, depois d’almoço – respondeu o rapaz.

Então tinha sido o Walter. Acto contínuo, telefonou para o gabinete do secretário colonial, pediu para falar com Charlie e contou-lhe o que tinha acabado de descobrir. Seguiu-se uma pausa antes de ele responder.

– O que hei-de fazer? – perguntou ela.

– Estou no meio de uma reunião importante. Receio não poder falar consigo agora. O meu conselho é que não se precipite.

Pousou o auscultador. Percebeu que ele não estava sozinho, mas não tinha paciência para esperar.

Sentou-se outra vez, desta feita à escrivaninha, e, com o rosto apoiado entre as mãos, procurou analisar a situação. Claro que o Walter podia simplesmente ter pensado que ela estava a dormir: não havia razão nenhuma para ela não se fechar à chave. Procurou lembrar-se se estavam a conversar. Decerto não estavam a conversar em voz alta. E depois havia o chapéu. Uma loucura o Charlie tê-lo deixado lá em baixo. Mas agora não adiantava nada recriminá-lo, tinha sido um lapso perfeitamente natural e nada garantia que Walter o tivesse visto. O mais provável era estar com pressa e ter deixado o livro e o bilhete a caminho de alguma reunião de trabalho. O mais estranho era ele ter tentado abrir a porta e depois as duas janelas. Se a julgasse a dormir, não era nada o seu estilo ir acordá-la. Que parva que tinha sido!

Sacudiu levemente a cabeça e sentiu de novo no coração aquela dor tão doce que sentia sempre que pensava em Charlie. Tinha valido a pena. Ele tinha dito que ficaria ao lado dela, e, se acontecesse o pior, bem... o Walter que fizesse um escândalo se quisesse. Ela tinha Charlie; queria lá saber! Talvez o melhor para ele fosse mesmo descobrir. Nunca tinha gostado de Walter e, desde que se apaixonara por Charlie Townsend, era-lhe penoso e enfadonho submeter-se às carícias do marido. Só queria não ter mais nada que ver com ele. Não via como ele poderia provar fosse o que fosse. Se a

acusasse, negaria tudo e, se chegasse a um ponto em que já não pudesse negar mais, bem, poderia sempre atirar-lhe a verdade à cara e ele que fizesse o que entendesse.

Poucos meses depois de se ter casado percebeu que tinha cometido um erro; a culpa, porém, ainda tinha sido mais da mãe do que dela.

Havia um retrato da mãe na sala e os olhos preocupados de Kitty pousaram nele. Não sabia por que motivo ainda o mantinha ali, pois não nutria grande afecto pela mãe; havia também um do pai, mas esse estava lá em baixo, em cima do piano de cauda. Tinha sido tirado quando ele fora nomeado conselheiro do rei e representava-o de toga e cabeleira. Mas nem isso conseguia dar-lhe um ar imponente; era um homem pequenino e mirrado, de olhos cansados, lábio superior descaído e boca fina; o fotógrafo, sorridente, tinha-lhe dito para pôr um ar satisfeito, mas ele conseguira apenas mostrar-se austero. Foi por isso que Mrs. Garstin, habituada a que os cantos da boca descaídos do marido e o olhar melancólico lhe dessem geralmente um ar vagamente deprimido, o tinha escolhido de entre todas as provas por achar que lhe conferia um ar forense. Porém, o retrato dela mostrava-a com o vestido com que tinha ido à cerimónia de posse, na Corte, quando o marido tinha sido nomeado conselheiro do rei. Estava imponente no seu vestido de veludo, com a cauda disposta de modo a favorecer-lhe a figura, ramo de flores na mão e plumas no cabelo. De pé, altiva. Era uma

mulher de cinquenta anos, magra e sem peito, de maçãs do rosto salientes e nariz grande, mas bem desenhado. Tinha uma farta e sedosa cabeleira preta e Kitty sempre tinha desconfiado que, se não era propriamente pintada, alguma coisa ela lhe punha. Os seus belos olhos negros nunca estavam quietos, sendo este o seu traço mais notório. Quando falava com a mãe era desconcertante ver aqueles olhos inquietos no rosto impassível e sem rugas, de tez amarelada. Deslocavam-se de uma parte do seu corpo para outra, daí para as restantes pessoas e de novo para ela, e a sensação que dava era a de estarem constantemente a criticá-la, a avaliá-la – mas sem perder de vista tudo o que se passava em redor – e de que as palavras que dizia não tinham qualquer relação com os pensamentos.